



Orgão do Gremio Litterario "Le Monde Marché"

COMMISSÃO DE REDACÇÃO—ANTONIO SOARES, ALFREDO CARVALHO E ERICO SOUTO  
Estado do Rio Grande do Norte—Natal 1 de Fevereiro de 1899**Expediente****Assignaturas**

1\$000 réis por trimestre, pagos adiantadamente.

Escriptorio da redacção  
Praça André d'Albuquerque n.º 44**OASIS****O DEVER DELLES**

Alludindo a certos pretenciosos, desses que têm-se em conta de summidades litterarias, em um de seus innumeros livros, já disse o brilhante e fecundo dr. Sylvio Romero: «qualquer mocinho, um rapazelho qualquer, sabendo rimar um soneto ou alinhar um conto, ás mais das vezes banal e plagiado, arroga-se logo umas tantas imunidades, franze o sobrolho e despeja sobre os pobres mortaes as suas cóleras de *genie meconnu*....»

Mas o elegante e fino observador das cousas litterarias de nossa terra escreveu propositalmente aquelle scintillante periodo para... (descancem os moços da *Academia Litteraria*, não foi para elles: seria honra em demasia) escreveu-o elle, para mediocres que podem ser mestres dos nullos de lá.

Façamos de conta, porem, que aquelle trecho brotou de um desses «espíritos vivazes» que proclamam aos quatro ventos o merito de suas obras, e apilhemol-o aos srs. *academicos*.

Que nos perdoe o disparate e o arrojo da comparação o illustre jurista e critico sergi-  
pano.

E' isto mesmo: Sylvio Romero tem razão e de sobra.

Os rapazes da «litteraria Rio Grandense», alguns «malsahidos dos preparatorios por onde muitas vezes passaram, graças a' benevolencia dos examinadores» (isto ainda diz o mestre, referindo-se *aux genies*) outros simplesmente estudantes de portuguez, reprehendem-nos porque, —desprezando as lições dos mestres, julgamo-nos competentes para corrigir-nos por nós mesmos e habilitados a' impor nossas idéas disparatadas ao resto da humanidade.

Assim escreve o sr. Pedro Alexandrino pelos seus collegas da *panellinha*.

Os mestres de que falla o presidente dos *academicos*, são; elle e os seus companheiros. Pelo menos é o que se deprehende daquelle trecho, tendo em vista c que houve-ramos escripto no nosso mal alinhavado artigo do *Oasis* ultimo: «Reconhecemos que temos tido muitas imperfeições, porém dispensamos de bom grado as suas eruditas lições: procuraremos corrigir-nos».

O caso é claro e afirmar o contrario do que vimos de expor, é pretender voar, sem ter azas...

Aqui, tem a palavra o leitor imparcial e sensato: temos ou não razão em chamar pobre de espirito, desfructavel, tolo,

a quem, mal dando conta do seu recado como aprendiz, propala-se mestre n'uma farrice pulha de vaidade e falta de criterio?

Passemos a outro ponto. O facto de dizer-se uma verdade, crua embora, que porventura desabone em alguma cousa o estado de progresso e civilisação em que se acha o nosso torrão, não importa em falta de patriotismo.

Já Tobias Barreto, Sylvio Romero, José Verissimo e outras autoridades litterarias brasileiras têm mostrado a evidencia o grão de atrazo em que nos achamos.

Dahi, porque não assignarmos, opiniões tão incontestes? Somos principiantes e devemos nos guiar pelos mestres. Apostamos como o sr. Alexandrino e os do seu rebanho, não trepidarão em classificar de brasileiros degenerados aquelles que pertencem á grey illustre dos dirigentes do movimento espirital do Brazil!

Não é de admirar

«Mascaras abaixo! individualise-se a coisa!» Com estas e outras exclamações tragicas, rechêia o sr. Alexandrino, os seus artigos. (Note-se porem, que o seu tragicismo é reles e *manqué*...)

E o que quer o cacique da *taba academica*?

Não carecemos dos alugados da imprensa, que, como elle confessa ingenuamente, têm apparecido pela redacção do seu jornalsinho.



Temos dignidade, repetimos, para sustentar as nossas opiniões.

Brama possosso o articulista da *Miscellanea* e, entre outras, deixa cahir da penca rachitica e doente a expressão «punho de lama».

Apezar do gongorismo da phrase, devolvemol-a intacta ao rabiscador tolo e semsaborão das frioleiras sem grammatica do seu jornal.

Advertimos-lhe, porém, de que deve-se respeito a este publico paciente e bom e eliminar de vez aquella linguagem baixa de que usa.

Deixa-se isto para o fundo das tavernas, para o ambiente putrido e viciado dos cortiços

Outrosim, declaramos que, no terreno para que o chefe da «Academia» resvalou, não discutiremos.

Comprehende o illustre publico, a distancia que deve haver entre moços que tentam erguer-se pelo estudo e um irresponsavel qualquer sem o necessario criterio que devem ter os que vão a' arena jornalística com intuitos nobres e sãos.

Terminamos o nosso modesto escripto, desafiando o Sr. P. Alexandrino a' declarar qual o autor do artigo «O dever delles» do ultimo numero do obscuro orgão do «Le Monde Marche».

Estude, medite, procure calmar o seu espirito enfermo, e surprehenda travéz aquellas linhas singellas, com um pouco mais de largueza de vistas e um tanto mais de senso critico a mão irreverente do que ousou duvidar do profundo saber dos litteratos da *Miscellanea*.

E nada mais.

Embarcou hoje, no paquete «Brazil» com destino a' capital.

tal de Amazonas, o nosso amigo H. Aclio Soares da Silva. Feliz viagem.

## OCCULTO

Ao José Chaves

Agora sim... Debaixo d'aquella frondosa arvore, occulto pelas verde negras ramarias, isento dos beijos merencorios das sempiternas estrellas, ouvindo, ora o gemer do regato que passa proximo, ora o balouçar cadencioso e monotono das ramagens impellidas pelas auras da noite, é, que eu desejo, assim occulto, ouvir de teus labios, a promessa leal do teu amor.

Bem sei que és bella, e, que te orgulhas em ser da terra da luz, mas... amo-te muito, e, debaixo d'aquella copada arvore, quero sentir o halito quente de tua perfumeada boquinha e, sorrindo, sorver de quando em quando o nectar vivificante de teus labios em flor. Depois... depois, convencido pelas juras de teu coração, ir a procura de uma modesta morada, engravada á beira d'um lago, onde possa viver feliz, contemplando alegre os alvos cysnes boiando á tona placida das aguas, como se fossem nossos corações e banharem-se no rizonhe lago dessa illusão que se chama—amor.

Mario

## Consorcio

Sabbado, 28 do mez proximo findo, consorciaram-se n'esta capital o illustre cidadão Faustiniano Gomes de Leiros com a senhorita Petronilla Camara.

Nossas felicitações ao dito so par.

## No Bosque

Grave, triste e melancolico  
(Si não te vejo a trez dias!)  
Busco e retiro bucolico  
Das alamedas sombrias.

Olhar fixo, andar pausado,  
Como quem busca um ségredo,  
Menestrel enamorado  
Divago entre o arvoredado.

E as aves cheias de espanto  
Ao ver-me passar assim,  
Suspendendo o alegre canto  
Ficam se a olhar para mim.

Na frondosa ramaria  
A toutinegra indiscreta  
Diz baixinho a' cotovia:  
—La' vae passando um poeta!

E a pipilar com malicia  
Espreita-me o alegre bando,  
Emquanto vae a noticia  
De bico em bico passando.

—E' um poeta que passa,  
Murmuram, troçando, as aves.  
E' um poeta—tem graça!—  
Como os poetas são graves!

Mas a multidão canora,  
Segreda um pardal faceto:  
—Não façam barulho agora  
Que vae compondo um soneto!

GUERRA JUNQUEIRO.

## Nossa biblíotheca

Estação n.º 1, de 15 de Janeiro, importante jornal de modas. Alem de bons figurinos e desenhos, traz uma bellissima parte litteraria.

—*Moda Elegante*, n.º 50, de Dezembro, publicação de modas parizienses; traz bellos figurinos, desenhos, etc etc.

—*Violação*, livro de Rodolpho Theophilo e *Almanack do Rio Grande da Sul*, offerecido pelo distincto moço, nosso collega da «Tobias Barreto» Francisco Freire da Cruz.

—*Tribuna*, apreciado orgão do «Congresso Litterario», que muito nos honra com a sua visita.

—*Miscellanea*, orgão d' «Academia Litteraria Norte Rio Grandense».



## REPULSÃO

AO ANTONIO SOARES

musica! Ah! sempre a musica a melancolizar-te o espirito, Maura! Sempre ella a demonstrar em ti os traços característicos de uma tristeza indomavel, sem que se possa colligir os intuitos reciprocamente vedados de sua natureza. E como explicas, pois, este mysterio? Como traduzes esta singularidade que a conservas tão previdente em teu seio? Falal! Falal! Exijo com insistencia este *porque* de ti, e demais, debes saber que o coração geralmente, em certos momentos, pede com brevidade a realisação dos seus desejos, ja quando interessa-lhe a felicidade, a ventura, ja quando precisa de aniquillar a ferida cancerosa de duvidas ferinas. Vamos! Uma palavra apenas!

—Pois, bem, Zildo, senta-te e ouve a minha narrativa, mas, para dar as chaves deste segredo, é preciso primeiramente declarar-te que, nos reconditos de minh'alma, ha uma saudade forasteira que mais augmenta e mais cresce quando a alegria em mim mais se dilata e se estende.

—Explica-te. Bem sabes que meu coração soffre quando o teu geme e suspira, e... se podesses resumir agora n'uma só palavra este mysterio....

—Espera um instante e sabel-o hás em breve. Dize-me francamente, ouvistes ha pouco um conjunto de notas suavissimas ali defronte aquella casa?

—Perfeitamente: —“Macha-cha”—mimosa walsa que, no piano, a senhorita Alice, filha mais velha do meu amigo dr. Bittencourt do Amaral, na interpretação daquella harmonia divina, doce e penetrante,

offerece, com muita propriedade, ao nosso pensamento, a interposição de muitas recordações, aonde muitas vezes está para uns o resumo do prazer e para outros uma traducção corrosiva da melancolia e da saudade.

—E o que sintiste por tua vez?

—Alegria, muita alegria e uns desejos febris de ver-te nos meus braços, cançada e langorosa, walsando ao som d'aquella musica attrahente e, por fim, nos rodopios da dança, eu sentir a brisa aromosa dos teus cabellos flavos, enquanto, n'esta occasião ditosa, meu coração guardava com avareza todos os psalmos apaixonados do teu seio eburneo.

—E porque me falas assim com esta franqueza?

—Pela força da paixão; pelos fluidos de amor.

—Amas-me?

—.....

Amar! Oh! Nunca! Nunca! E' esquecer depressa a sagrada memoria de Jonio. E' profanar sem hesitação todos aquelles juramentos que fiz ás suas cinzas,—eis porque a musica, Zildo, vem perturbar-me o espirito,—porque com ella foram se as minhas douradas illusões e estas....estas não voltam mais.

—Mas é preciso convir, Maura, que, na variedade dos tempos, pode haver uma auro-ra risonha para a tua existencia e a minha paixão.... quem sabe?

—Basta! Basta, senhor! Não queira escarnecer de um nome puro que o tumulo ja guardou! A minha fidelidade é rocha e não se troca pelas phantasias enganosas de um homem qualquer e em summa, deixe dizer-lhe—tem muita

luz o espelho da virtude para esconder o brilho desairoso de todas essas vaidades.

—Fevereiro—99.

JOSÉ DE ABREU C.

Jose' Dantas

Em sessão ordinaria de 1.º de Janeiro findo, foi proposto e acceito para socio correspondente deste gremio, na cidade de Canguaretama, o talentoso cidadão Jose' Esteves Dantas, a quem enviamos nossas saudações.

DAS «B ANDOLINATAS»

XIII

A burguezia rica e vil derrama  
O odio, por sobre mim, porque me atrevo  
A'amar-te estranha flor—sandaló ou trevo  
E a plebe contrá mim, possessa brama.,

Essa odeia-me flor, porque me elevo;  
Aquella meu amor, também se inflamma  
Porque anseio, subir onde não devo  
Desposando tão nobre e altiva damal

Mal sabem os da plebe e a burguezia  
Que o humilde artista não se atreveria  
A' ambicionar-te a mão fidalga e pur a

Se não lhé houvesse dito em tórn amigo  
«Só contigo, meu poeta, só contigo,  
Praticarei tão divinal loucura!»

ULDARICO CAVALCANTI

José de Abreu...

Por um grupinho avultado  
De amigos, entre elles eu,  
Foi muito felicitado  
O conteur José de Abreu  
Que a 22 do passado  
Da vida no livro amado  
Mais uma folha volveu:

B. R.



## A ti e a' ella...

Vão-se os dias e enfim o dia chega  
De te deixar então sombras queridas!  
—Ella que foi o asilo de meus sonhos.  
—E tu desses meus dias tão tristonhos  
A ti, a ti as minhas despedidas!

## I

Que infinita saudade de ti levo,  
De ti meu doce e venturoso abrigo!..  
Quão terríveis serão as minhas dores!  
Comtigo ficam todos meus amores,  
Meus pensamentos ficarão comtigo!

Tanto tempo sem ver-te como és bella  
Assim a' tarde quando o sol se abysma!  
E em meus dias pensando assim dispersos,  
Terei meus olhos moribundos imersos  
Na mais sinistra e esmagadora seisma!

Um outro ceo sem esta poesia  
Que tem teu ceo esplendido e brilhante,  
Será meu triste leito pesado  
Onde suportarei frio, calado,  
A negra nostalgia lancinante!

Um outro ceo sem este azul profundo  
Onde se engastam per'las luminosas...  
Como sudario congelado enorme,  
Me cobrira' a fronte que não dorme,  
Grivada de saudades dolorosas!

## II

Agora a ti excelsa creatura!  
Estrella divina de extranhos ceos!  
Desprende a loura juva desastrada  
Para que ouças toda amargurada  
O meu sentido e terno e doce adeus!

Mas quando a' noite a fria lua em cheio,  
Banhar em luz tua gentil guarida,  
Contempla o mar, morrendo de saudade,  
Que este monstro de eterna immensidade,  
Foi quem assim nos separou, querida!

Quem por mim velara' sobre teu templo?  
Quando a noite fechar-se oh! meu amor!  
As trevas entrarão pelas janellas...  
Mas não! dos ceos as pallidas estrellas  
Hão de banhar-lhe de sentido alvor!

E quão tristes então vão ser-me os dias  
Como as noites cruéis não de passar!  
Quem por mim sentirá' morto d'anhos,  
O perfume subtil de teus cabellos  
E quem por mim os ha de assim cantar!

De longe levarei noites inteiras  
Em suspiros por ti pallida flor!  
E aos ventos que a noite escura afagam  
Eu pedirei sentido que te tragam  
Toda a saudade, toda a minha dor!...

A ti meu triste adeus bem suspirado!  
Phanaes que me salvaram dos abrolhos  
Desta vida cruel, de minha vida,  
Adeus, adeus! a voz sinto opprimida...  
E mal sustenho as lagrimas nos olhos  
Nat al—99—

SEBASTIÃO FERNANDES

## Charadas

- 2-2—Muito estimo a' mulher dedicada:  
1-2—Exilado, não enxergo o descanso:  
3-2—Estimo esta senhora...boa mulhrei!

AMIANTEO

## Estrellas fixas

A' que é pura como os  
Archanjos de Deus.

Esses teus olhos, minha flor, eu juro,  
São mais q'sões, são mais do q' esplendores  
Iluminando esse teu rosto puro.  
Alvo de lirio, pleno de fulgores!...

São estrellas do ceo do meu Futuro...  
Fócos de luz, suaves, matadores,  
Dónde dimanam fluidos que eu procuro  
Qual lenitivo para as minhas Dores...

O viver sem a luz desses teus olhos.  
E' navegar em pleno mar d'escolhos  
Aos perigos das noites tenebrosas...

Antes ser pela morte arrebatado  
Do que viver a's trevas condemnado  
Longe dessas estrellas luminosas!  
Natal

ERICO SOUTO

## NO BAILE

Alva da alvura celica dos Astros,  
Que deslumbra, que prende e que fascina...  
Oh forma d'anjo, oh compleição divina  
Que leva as almas pallidas de rastros!

Corpo esculpido em finos alabastros,  
De biblica belleza peregrina,  
A mim, teu fulvo olhar o amor propina  
E a mim propina a Luz desses dois Astros!

E se por mim ella sorrindo passa,  
Quando na volta lirica da walsa  
A loura cabelleira aos hombros desce,

Sustenho o coração que está pulsando  
E commigo murmuro suspirando:--  
«Se eu fallar-lhe/podesse ai! se pudesse!»  
Natal,--15-1-99.

SEBASTIÃO FERNANDES

## AO PIANO

Pedi-lhe amavelmente que tocasse  
Uma peça qualquer no seu piano,  
Tambem não foi preciso que eu instasse:  
Satisfaz-me de um modo todo lhano.

Com meigo olhar, com porte soberano;  
Prendendo a trança, colorindo a face,  
Sentou-se á cadeirinha do piano  
E não tardou que a peça executasse.

Era uma valsa, mas que valsa aquella!  
Era, a meu gosto, a de maior valor  
Da grande colleção de minha Stella.

Perguntei-lhe depois, oh santa, oh flor,  
Como intitula-se essa valsa? E ella  
Respondeu-me sorrindo:--«O nosso amor».

ANTONIO SOARES

## Virgem

ão vês? Foi alli que ella  
nasceu.

Depois ja' apanhava borbo-  
letas, colhia flores, e tudo,  
tudo era para mim.

Ella dava-me beijos, eu co-  
lhia fructos para ella. Era  
minha noiva.

Onde ella andava tinha flo-  
res, desabrochavam lirios, nas-  
ciam jasmims.

Ella era branca como os jas-  
mins, pequena como o lirio  
e linda como as flores!

N'uma manhã de inverno  
ella morreu. Deitaram-n'a  
n'um caixãozinho azul e dis-  
seram-me que ella tinha voa-  
do para tocar com os anjos  
as harpas divinas!...

Vês aquella pedra? Foi alli  
que deixaram seu corpo. No  
pe'da lousa tem uma saudade;  
fui eu quem plantou-a.

Ella dorme. Dizem que não  
voltará mais, porem é men-  
tira.

Todas as manhãs, quando a  
estrella d'alva apparece no  
ceo, as flores abrem-se, o lirio  
chora, os jasmims rescendem  
um perfume mais doce.

Ella esta' alli. Vejo-a com  
sua veste branca, a tocar  
com os anjos a harpa divina  
que perde-se nas quebradas  
dos montes, com um susurro  
angelico que e' o da sua voz.

E' ella que canta!.....

PASSET NORMANDO

## Anniversarios

No dia 25 do mez p. passado  
completaram mais um anno  
de preciosa existencia os nos-  
sos distinctos consocios, hono-  
rario e effectivo, Professor  
Elias Souto e seu primogenito  
Elias Scuto Filho.

A redacção do Oasis envia-  
lhes, ainda que tarde, suas fe-  
licitações.